

Depois de abordar os estertores do Absolutismo francês em mais de uma oportunidade, o cineasta catalão Albert Serra estendeu a instalação visual “Personalien” e converteu-a num filme incomodamente brilhante. Este sintetiza de maneira ímpar os sentimentos aflitivos que tomam de assalto as pessoas esclarecidas e privilegiadas que são obrigadas a lidar com as conseqüências do confinamento requerido para dirimir a contaminação causada pelo CoronaVírus. No longa-metragem “Liberté”, reencontramos os mesmos personagens – antes, anônimos; agora, dotados de títulos honoríficos – num afã gozoso para sentirem prazer (ou, ao menos, libertarem-se do desprazer extremo)...

Ao longo dos 132 minutos de duração, são inúmeras as práticas sexuais e sadomasoquistas apresentadas, com o destaque para a inalcançabilidade do gozo: por mais explícitas que sejam as conjunções carnavais, não há orgasmo ou ejaculação visível. É um filme que serve-se da abolição de fronteiras pornográficas para demonstrar o quão político é o erotismo. A trama passa-se no século XVIII, mas translada sentimentos hodiernos. Afinal, como bem diz o diretor, *“o presente está sempre presente”*. É assim que a História se faz!

Com o intento óbvio, mas não redundante ou simplista, de chamar a atenção para os desmazelos da atualidade, a minuciosa reconstituição de época de “Liberté” encontra eco preciso em atividades contemporâneas reprováveis, como as hipócritas manifestações conservadoras do presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. No Carnaval de 2019, ele reproduziu a filmagem de um casal homossexual fazendo sexo, a fim de demonstrar uma reprimenda moralista à festividade. Para piorar, servindo-se do ‘site’ Twitter – muito mais utilizado por ele que o Diário Oficial da União – interrogou-se publicamente acerca do que era ‘golden shower’ [em tradução literal, “chuva dourada”], parafilia que corresponde ao ato de urinar em alguém durante o sexo. Não por acaso, esta prática é abundante em “Liberté”...

À medida que o filme avança, os parcos diálogos tornam-se ainda mais rarefeitos e são substituídos por gemidos de prazer, dor ou de ambos, simultaneamente. Em dado momento, um aristocrata pederasta, incapaz de manter a ereção, pede para ser chicoteado, a fim de poder sentir algo, quiçá ejacular. Desmaia antes, tomado pela exaustão. A suruba generalizada que se expande pela floresta que serve de cenário ao filme não engendra o gozo. Este é concedido ao espectador, que, no limite entre o incômodo e a excitação, experimentará um sentido crítico para a liberdade ironicamente emulada no título do filme, vista como um princípio interdito pela censura e pelas convenções repressoras de classe.

Não obstante possuir sequências esteticamente deslumbrantes de coito e masturbação, a lubricidade vivenciada pelos personagens de “Liberté” confirma as alegações foucaultianas sobre o sexo enquanto imposição de poder. A pretensa mutualidade nas transas é substituída pela clara demarcação do poderio social de cada um dos personagens. Não se sabe exatamente qual o ano em pauta, mas, como reconhece-se claramente as características do século XVIII, sabe-se que uma era está prestes a acabar. Os nobres estão em fuga, escondem-se na floresta, onde podem sentir-se provisoriamente livres para trazerem à tona os seus desejos mais obscuros e incontidos. Entretanto, entre a idealização de um desejo e a sua consecução física, há muito em jogo: o estupro não é suficiente enquanto estratégia de manutenção honorífica. A impotência insurge-se, obriga as pessoas a movimentarem-se. E é a esse movimento que chamamos de História!

Outra correlação possível entre aquilo que ocorre no filme e o que está sendo vivenciado no Brasil de 2020 está na constatação da História como também associada à pouca movimentação pública ou à exortação governamental do obscurantismo. A quarentena providencial – desrespeitada discursivamente pelo execrável presidente eleito – é comumente acompanhada por reflexões psicanalíticas sobre a necessidade de não cobrar-se tanto, em termos de (im)produtividade. Está-se numa era de repouso e sobrevivência, e não de bravata ou destruição generalizada, como pretende a extrema-direita brasileira!

O elenco de “Liberté”, capitaneado pelo muso viscontiano Helmut Berger, empresta seus corpos a personagens que agem como avantesmas caprichosos, que esforçam-se para obterem o vigor genital, facilmente alcançado pelas classes sociais menos favorecidas. É o que explica o título deste artigo, inclusive, que surge dialogisticamente na observação de um entrelaçamento lésbico tão deslumbrante quanto sedutor. Porém interdito para quem deixou-se aleijar pela malevolência do poder...

No clímax gráfico do filme, um anão com decapitação braçal visível e abundantemente sanguinolenta tem seu corpo despido e molhado pela urina de mais de um duque. Os açoitamentos acontecem a pedido dos suplicantes nobiliárquicos, que, em dado momento, consideram-se tão abandonados quanto Jesus Cristo esteve no momento da crucifixão. Depois de uma tempestade no interior da mata, a vacuidade do cenário arbóreo é preenchida por música e iluminação artificial. É um filme, afinal. A vida!